

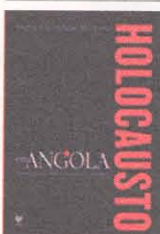
## As virtudes do tabaco

“Holocausto em Angola - Memórias entre o Cárcere e o Cemitério” destaca-se pela envergadura, pelo extremo rigor e pelo pormenor dos testemunhos. José Eduardo Agualusa

**Holocausto em Angola - Memórias entre o Cárcere e o Cemitério**

Américo Cardoso Botelho  
Vega, €25

★★★★☆



Nos últimos meses surgiram em Portugal diversos livros que, de uma forma ou de outra, pretendem recuperar a memória dos anos mais duros da

repressão em Angola. Refiro-me a “Nuvem Negra - O Drama do 27 de Maio de 1977”, de Miguel Francisco (Michel), “Purga em Angola - Nito Alves, Sita Valles, Zé Van Dunem e o 27 de Maio de 1977”, de Dalila Cabrita Mateus e Álvaro Mateus, e alguns dos principais capítulos de “Massacres em África”, de Felícia Cabrita.

O livro de Michel - sobre os terríveis campos de concentração criados após os acontecimentos de 27 de Maio de 1977, nos quais perderam a vida, devido à fome e outras formas de tortura, largas centenas de angolanos - é o único testemunho directo, e o único escrito por um angolano.

“Holocausto em Angola - Memórias entre o Cárcere e o Cemitério”, recentemente lançado pela Vega (infelizmente muito mal lançado), destaca-se dos anteriores pela envergadura, pelo extremo rigor e pelo pormenor dos testemunhos. O seu autor, Américo Cardoso Botelho, era, à data da Revolução dos Cravos, administrador concessionário do Hospital da Ordem Terceira em Lisboa. Inconformado com a situação em Portugal, decidiu aceitar um convite para integrar a administração da Diamang, actual Endiama, partindo para Luanda em 1975. Tratou-se de uma decisão um pouco estranha, e que havia de lhe custar muito caro. Detido pela polícia política angolana em 1977, foi conduzido à Prisão de São Paulo, em Luanda, de onde só haveria de sair em 1980.

Na Prisão de São Paulo foi encontrar os jovens militantes da Organização Comunista de Angola, OCA, e de outras pequenas formações de extrema esquerda, dirigentes da Revolta Activa, mercenários americanos e ingleses, dissidentes do ANC, e toda a sorte de



O “principal veículo” das suas anotações na prisão

aventureiros pouco afortunados. Américo Cardoso Botelho percebeu imediatamente a importância de recolher todos aqueles testemunhos: “As vozes de todos esses - uns mais contidos, outros mais impertinentes -, de vinte e sete nacionalidades, de tez e línguas diversas, alguns deles empurrados para a loucura. (...) Entre essas vozes, jovens estudantes na militante procura da pátria almejada, militância não alinhada, carregando o pecado da discordância. (...) Outros, presos por tão pouco: a cobiça de uma casa, um carro, um frigorífico.”

O facto de ser um dos presos mais idosos, estrangeiro e com fortuna pessoal, deu-lhe certa liberdade de movimentos. É ele próprio quem o reconhece: “Tirando alguns períodos de repressão mais musculada, consegui alguma liberdade de circulação dentro da prisão - eu era para grande parte dos presos e carcereiros um cota inofensivo de quem poderiam obter algum tipo de ajuda. Um problema inicial se colocava - como registar a informação. O leitor saberá que o universo prisional é um antro de tabaco. Os invólucros dos maços de tabaco que todos deitavam fora tornaram-se o pergaminho da minha memória, permitindo a anotação de tudo o que ouvia.” A forma como consegue esconder e depois passar para o exterior toda essa informação - cerca de quatro mil apontamentos! - é digna de um qualquer filme de acção, e não a revelarei aqui.

O presente livro, que recolhe apenas metade da informação contida nos tais quatro mil maços de tabaco, impressiona, como já disse, pelo pormenor. Cardoso Botelho não se limita a revelar os nomes dos principais responsáveis pelos crimes cometidos naqueles dias de horror - como fez, por vezes com incorrecções gravíssimas, Dalila Mateus, acusando erradamente algumas pessoas de terem estado envolvidas nos interrogatórios a presos políticos; ele dá os nomes dos guardas, as matrículas dos carros que transportaram este ou aquele preso, os dias e as horas em que se registaram as sessões de tortura. São 600 páginas que se têm de vencer a custo, porque o terror tem aqui o peso insustentável do testemunho directo.

Entre tantos títulos mais ou menos

O autor enquanto Presidente da Câmara Municipal da Azambuja, em 1964

